

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM JAMES CAAN  
15 de setembro de 2022**

**FOR THE BOYS / 1991  
(*Dias de Glória... Dias de Amor*)**

*Um filme de Mark Rydell*

*Realização:* Mark Rydell / *Argumento:* Marshall Brickman, Neal Jimenez e Lindy Laub, estes dois últimos também autores da história / *Produção:* Bette Midler, Bonnie Bruckheimer, Margaret South / *Coprodução:* Ray Hartwick / *Produção Executiva:* Mark Rydell / *Direção de Fotografia:* Stephen Goldblatt / *Montagem:* Jerry Greenberg, Jere Huggins / *Conceção dos Números Musicais:* Joe Layton / *Música:* Dave Grusin / *Produção Musical:* Joel Sill / *Casting:* Lynn Stalmaster / *Design de Produção:* Assheton Gorton / *Direção Artística:* Dianne Wager / *Guarda-roupa:* Wayne Finkelman / *Interpretações:* Bette Midler (Dixie Leonard), James Caan (Eddie Sparks), George Segal (Art Silver), Christopher Rydell (Danny), Arye Gross (Jeff Brooks), Norman Fell (Sam Schiff), Rosemary Murphy (Luanna Troff), Budd York (Phil), Dori Brenner (Loretta), Dori Brenner (Loretta), Jack Sheldon (Wally Fields) / *Cópia:* 35mm, a cores, falado em inglês com legendas em português / *Duração:* 138 minutos / *Estreia Mundial:* 22 de novembro de 1991, Estados Unidos / *Estreia Nacional:* 10 de abril de 1992, Quarteto/Las Vegas / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Chegávamos ao princípio dos anos 90 do século passado e o musical era, para citar uma crítica a **For the Boys** publicada na revista *Film*, “um fator de risco”. Mark Rydell, realizador (e também ator) imbuído de uma certa nostalgia pelo grande cinema clássico – foi ele o realizador de **The Cowboys** (1972) com John Wayne –, trazia no currículo um dos musicais de maior sucesso dos anos 70, o poderoso **The Rose** (1979). Tratava-se da biografia ficcionada de uma *rock star* atraída pelo abismo e mostrava ao mundo, pela primeira vez, uma atriz de porte pequeno, voz portentosa e sorriso simpático: Bette Midler. Ao dia de hoje ainda é referida a falha da Academia, em não lhe ter atribuído o Óscar, como uma espécie de maldição que condenou atriz e cantora a uma sucessão de más decisões ao longo da carreira. Enfim, não era só o musical a ser considerado à época um factor de risco, mas também uma atriz na iminência de se tornar uma *has been*. O que vamos encontrar em **For the Boys** é um desejo de relançamento de carreiras. Não só a de Midler como a de Rydell, inclusive, que não conhecia um grande sucesso desde **On Golden Pond** (1981), nova carta de amor aos clássicos, desta feita, na presença de um casal composto pelos nobilíssimos anciãos Henry Fonda e Katharine Hepburn, como ainda e em certa medida a de James Caan, tentando o ator emblemático da Nova Hollywood capitalizar o sucesso do recente **Misery** (1990), após uma longa ausência dos ecrãs.

Logo a abrir **The Rose**, uma Bette Midler claramente a “canalizar” Janis Joplin prepara-se para subir ao palco, desorientada por mais um noite embebida em álcool e drogas. O seu agente adverte-a: “por favor, não digas ‘motherfucker’, há críticos importantes no público e câmaras por todo o lado; por favor, não digas ‘motherfucker’”.

Ela anui com a cabeça, dirige-se, em desequilíbrio, para o centro do palco, agarra no microfone e grita: “Hiya, motherfuckers!” Em **For the Boys**, Bette Middler, podemos dizer, “canaliza” outras referências – diz-se que foi buscar inspiração sobretudo a Martha Raye, mas é inevitável pensar-se numa referência clássica como Mae West –, todavia, ela interpreta também uma nova versão de “The Rose”. É, aliás, uma questão de boas maneiras que abre a primeira fenda nesta história cheia de música, drama e algumas gargalhadas: o humor picante, “demasiado picante”, de Dixie Leonard, a tal “nova Rose” de Middler, cria azia no estômago sensível do veterano *showman* encarnado por James Caan, de nome (também fictício, ainda que a *performance* pisque o olho a Bob Hope) Eddie Sparks. As faíscas vão ser muitas: da Segunda Guerra Mundial até ao conflito no Vietname, a dupla Dixie Leonard e Eddie Sparks fará da descontrolada (selvagem, apetece dizer) política externa americana um *way of life*, fornecendo aos soldados espalhados pelo mundo alguns minutos para se esquecerem não só das agruras da guerra como também (é isso que implicitamente Rydell sugere) das razões ou falta delas para o facto de estarem ali, tão longe de casa.

Por outro lado, a degenerescência moral de todo um país – um império em queda, digamos assim – é concomitante à decadência do *showbiz*, sendo, neste particular, Eddie Sparks a personagem que mais se ressent do desnorte geral do país político e mediático. Lentamente, **For the Boys** vai-se parecendo com uma versão americana de **Ginger & Fred** (1986) de Federico Fellini: tentativa de um retrato corrosivo sobre o absurdo a que chega a indústria do entretenimento, tomando, a dado ponto, conta do próprio teatro de operações, “telenovelizando” o sofrimento demasiado real dos milhares que combatem lá fora, em nome de... A primeira brecha na relação entre Sparks e Dixie dizia respeito à linguagem abrasiva desta última, mas a derradeira fissura – perto de irreparável, apesar do apatetado *happy ending* – alude à absoluta falta de pudor de Sparks em transformar o palco da guerra num *reality show* sentimental e grotesco. Da gloriosa memória da “guerra justa” contra os nazis até à doentia e inexplicável guerra no Vietname, os valores mudam, o país perde o rumo, os *media* querem espetáculo, ao passo que os políticos “vendem” a democracia como quem publicita Coca-Colas. Políticos e *showbiz* de mãos dadas exploram a desgraça de guerras sem sentido. E o filme – o *timing* não era mau – foi lançado “em cima” da Primeira Guerra do Golfo.

O comentário de Middler, perdão, de Dixie, logo ao início, sobre o facto de não querer aceitar a distinção de um presidente que “não recebeu o seu voto”, não é de todo inocente. Há um lado simultaneamente patriótico e antipatriótico neste filme cheio de saudades dos musicais clássicos ou de um tempo em que a América era respeitada ou ser americano era motivo de orgulho. E é indesmentível a coragem de encarar as inconsistências político-ideológicas dos Estados Unidos ao longo dos anos – refira-se o período negro da caça às bruxas, aqui posto em evidência num episódio que tem como visado número um o tio de Dixie, o argumentista Art Silver, interpretado pelo magnífico George Segal. O musical adorna a crítica, aqui e ali, com criatividade e até alguma elegância (*vide* toda a esfuziante interpretação de Middler nos gloriosos dias da Segunda Guerra), mas o festival de mau gosto é também inexcedível: nisso, **For the Boys** tem algumas das cenas e alguns dos *raccords* mais escabrosos de todo o cinema americano dos anos 90. Veja-se a *pietà* no teatro de operações do Vietname, com o soldado exemplar, interpretado pelo filho de Rydell, Christopher Rydell, morrendo nos braços de sua mãe, Dixie, ou, bem antes, a forma como é apresentada a cena do funeral do marido de Dixie, logo após um momento de exultação amorosa, com Dixie a dedicar

uma canção a esse *combat photographer* cheio de vida... Para não falar da muito parodiada caricatura que é o trabalho de maquilhagem dos atores, confundindo-se a simulação de rugas na pele com a caracterização de um verdadeiro vilão num filme de horror, parecendo Middler e Caan dois pacientes numa unidade de queimados quando, supostamente, atingem a terceira idade – a crítica Kathleen Maher, do *Austin Chronicle*, é impiedosa ao tentar descrever estes “rostos vandalizados”. Tudo isto concorre para o fracasso final e a confirmação de que o fator de risco podia ser, de facto, o (defunto) género do musical, podiam ser, de facto, os atores ou o realizador à procura de um *comeback* qualquer, mas acabou por se revelar o filme no seu conjunto, ferido de morte por um elefantino mau gosto.

Luís Mendonça